

Opinião

Infância... ou “Infâncias”?

(H)À Educação

Paula SantosCIDTFF* da Universidade de Aveiro
psantos@ua.pt

Porque cada criança é única e as circunstâncias de vida de cada uma, as culturas de pertença e de acolhimento, também o são, optariamos pela segunda: “infâncias”. A diversidade das infâncias apaixona e cativa, mobiliza e responsabiliza cada um de nós, num processo de descoberta, promoção, envolvimento e proteção.

Mas há também um “núcleo”, algo em comum a todas as infâncias que importa (re)conhecer, valorizar e apoiar: é o que alguns chamam “ímpeto exploratório”, a imensa força e vontade de descobrir o mundo em redor e agir sobre ele que todas as crianças têm, desse modo aprendendo e logo explorando, descobrindo, aprendendo mais e mais!...

Isto tenho aprendido quando, fascinada, observo crianças brincando, agindo, dando livre curso a esse maravilhoso ímpeto exploratório que guia a atividade de qualquer menino ou menina a quem sejam oferecidos liberdade, espaço, alguns materiais singelos – os da Natureza são especialmente inspiradores – e a se-

gurança da proximidade, atenção, comunicação e confiança de um adulto e/ou de um companheiro de brincadeiras.

Não há muitos anos, era fácil encontrarem-se crianças nos espaços públicos: jardins, passeios, pracetas e pátios,... jogando, brincando, rindo, às vezes chorando, também, mas sempre aprendendo, tornando-se Pessoas, em plenitude! Hoje as crianças estão mais ausentes destes espaços, mais confinadas a outros, fechados, a braços com múltiplas tarefas que nem sempre são promotoras da “verdadeira” aprendizagem, aquela que alimenta a curiosidade e liberta para novas aventuras e explorações.

Mas há um espaço que prevalece: a praia. Se me permitem, partilho convosco um episódio que observei numa praia, no Verão (quase) passado:

Um menino, não teria ainda 15 meses, caminhando com alguma insegurança, mas muita determinação, dirigia-se ao mar, com um balde quase do seu tamanho, seguro pela aba (não pela alça); o pai conversava com um amigo, enquanto observava, atento, as atividades da criança, mantendo-se perto. A criança chegou à água, encheu o balde e virou-se de imediato, subindo laboriosamente o declive; após alguns passos, o balde, pesadíssimo e desequilibrado, virou-se! O menino, sempre com o balde na mão, voltou imediatamente para trás e de novo tentou: encheu o balde (com menos água) e mudou a mão, agarrando com força em outro ponto da aba; novamente, deu (mais) alguns passos em direção à areia seca, mas de novo o balde se virou, despejando toda a água. Com uma expressão determinadíssima, o menino

deu meia volta e voltou a encher o balde; desta vez segurou-o pela alça e parecia estar a resultar: caminhou ainda mais do que antes, transportando corajosamente a água, com o balde bem equilibrado, mas a alça traiu-o: a certa altura, soltou-se e toda a água se infiltrou na areia, antes que pudesse chegar ao insuspeito destino! Foi então que o pai, até aí sabiamente atento, ofereceu ajuda na medida certa, colaborando com a criança no desafiador transporte da água pela praia...

Como acontece noutros espaços exteriores, a Natureza ofereceu naquela praia um contexto simultaneamente simples e rico, dispensou materiais complexos, “acabados”, inibidores da criatividade, e acolheu de modo otimizado a ação, aprendizagem e desenvolvimento da criança; o adulto apenas “esvaziou a agenda”, ficou atento, disponível e confiante, respeitando a iniciativa e liberdade da criança.

Por serem cada vez mais raras as oportunidades para usufruirmos de momentos como este, nos nossos ocupados quotidianos, o brincar livre da criança, reconhecido por muitos como precioso e imprescindível, tornou-se objeto de estudo, mobiliza saberes, energias e é motivo para sinergias, esforços de investigação que granjeiam financiamentos nacionais e internacionais, num projeto comum de devolver à Infância – às Infâncias – o que lhes é mais precioso e único: a liberdade, a segurança nas próprias forças e saberes, e o afeto; entrelaçados, constituem-se como a base para que o ímpeto exploratório se espraie... ◀

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

*Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores” da Universidade de Aveiro

ALBERGARIA-A-VELHA

A LOJA DO NOVO
E USADOMÓVEIS E SOFÁS
(Peças de Ocasão)

MOBILIÁRIO clássico e moderno, em mobílias completas, salas, quartos e móveis soltos, **SOFÁS**, em pele e tecido, **CANDEEIROS**, de teto, chão e mesa, **QUADROS**, a óleo e estampas, **PORCELANAS** e faianças, **CRISTAIS** e vidros, **FAQUEIROS**, muitos bibelots, grande quantidade de discos em vinil, 45 e 33 RPM, **COLCHÕES** normais, ortopédicos, medicinais e colunais, **CURIOSIDADES**, ETC

SEMPRE COM
GRANDES DESCONTOS

HORÁRIO: Segunda a Sábado
das 10h às 13h e das 15h às 20h
Domingos: das 15h às 20h

VISITE-NOS

Estrada Nacional n.º 1 - Km 249.5
Telf. 234 522 046 - ALBERGARIA-A-VELHA

Investigação, inovação
e intervenção em Saúde**Pedro Miguel Garcez Sardo**

(Enfermeiro do Centro Hospitalar do Baixo Vouga
Assistente Convidado na Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro)



As ciências da saúde não podem ser encaradas de forma isolada. Os projetos de investigação, inovação e intervenção em saúde podem (e devem) apresentar um carácter multidisciplinar, permitindo a (co)participação de profissionais e investigadores de diversas áreas das ciências da saúde e de outras áreas do conhecimento. De facto, a investigação, inovação e intervenção em saúde permite adquirir novos conhecimentos, responder a questões da prática clínica e/ou resolver problemas do quotidiano, valorizando os profissionais e as instituições que a fomentam.

Assim sendo, a investigação, inovação e intervenção em saúde pode (e deve) ser realizada em articulação com as pessoas que necessitam dos cuidados de saúde (e com os seus familiares e cuidadores). Deve envolver as instituições de saúde, os alunos dos vários cursos de graduação e pós-graduação da área das ciências da saúde, os docentes do ensino politécnico e universitário, os investigadores de diferentes áreas do conhecimento e (inclusivamente) empresas privadas que estejam motivadas para abraçar projetos desta dimensão. Desta forma, acredito ser possível proporcionar diferentes abordagens aos problemas de investigação e ajudar a encontrar respostas para os problemas de saúde da nossa população.

A Universidade de Aveiro apresenta (desde a sua génese) uma forte ligação com a sociedade e com a região. Algumas das áreas científicas da UA desde cedo se afirmaram a nível nacional e internacional, refletindo uma clara articulação entre a academia e os recursos e as dinâmicas empresariais da região. Ao longo dos anos a comunidade académica e os parceiros regionais souberam

acarinhar, aprofundar e renovar permanentemente esta ligação, inovando nas formas de a concretizar, tentando dar resposta a grandes temas e desafios da sociedade contemporânea, e a área das ciências da saúde não é exceção disso.

Atualmente, o Centro Hospitalar do Baixo Vouga pretende ser reconhecido pela sua excelência clínica, eficácia e eficiência, assumindo-se como um centro hospitalar de referência com um forte compromisso com a investigação, a inovação e o desenvolvimento tecnológico e terapêutico.

Ao fazermos uma pesquisa rápida nos meios de comunicação social da região podemos ter acesso a alguns projetos de investigação e intervenção realizados na comunidade que contaram com a participação de diferentes atores.

São exemplo disso as comemorações do dia do coração, o projeto de investigação que permitiu a avaliação epidemiológica de úlceras de pressão no CHBV, a investigação e reabilitação cardiorrespiratória que está a ser desenvolvida na região, a intervenção familiar em pessoas em programa de diálise e/ou a utilização da simulação de alta-fidelidade na UA para a formação de profissionais de saúde.

No entanto, para que possamos continuar a assistir ao desenvolvimento da área das ciências da saúde na nossa região considero que articulação entre a Universidade de Aveiro e o Centro Hospitalar do Baixo Vouga deve ser reforçada e pode contar (também) com o envolvimento de outros intervenientes e/ou parceiros sociais (como é o caso do ACES do Baixo Vouga, empresas privadas e Instituições Particulares de Solidariedade Social da região).

Desta forma, acredito que seja possível dar uma maior visibilidade às nossas instituições e desenvolver, implementar e avaliar programas de investigação e intervenção dirigidos às necessidades específicas da nossa população. ◀

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico